

Contribuições da espiritualidade para a promoção da saúde mental por meio da mediunidade: entrevista com o médium

Orlando Noronha Carneiro

Contributions of spirituality to the promotion of mental health through mediumship: interview with the medium Orlando Noronha Carneiro

*Márden Cardoso Miranda Hott**

Resumo

Entrevista com o médium Orlando Noronha Carneiro que desenvolve há 35 anos o trabalho de psicografia das "Cartas Familiares", sendo reconhecido pela população enlutada por sua capacidade de comunicação com os fisiologicamente mortos, tem se empenhado em trazer contribuições consideráveis para a área da Saúde Mental. A tarefa parece ser fonte de auxílio para pessoas que buscam respostas para lidarem de forma atenuante com a dor emocional, interferindo no processo saúde-doença. Tendo em vista que a medicina histórica e contemporânea não é o único tipo de mediação entre causas e efeitos dos sofrimentos da alma, a espiritualidade pode se configurar como uma das formas de definição desta complexa rede de significação humana.

Palavras-chave: Saúde mental. Espiritualidade. Mediunidade.

Abstract

Interview with the medium Orlando Noronha Carneiro who has been working for 35 years on the psychography work of the "Family Letters", being recognized by the bereaved population for their ability to communicate with the physiologically dead, has been working to bring considerable contributions to the area of Mental Health. . The task seems to be a source of help for people seeking answers to deal with attenuating emotional pain, interfering with the health-disease process. Given that historical and contemporary medicine is not the only kind of mediation between causes and effects of soul sufferings, spirituality can be configured as one of the forms of definition of this complex web of human significance.

Keywords: Mental health. Spirituality. Mediumship.

* Mestre em Medicina – Ciências Fonoaudiológicas (UFMG). E-mail: estagioeff@yahoo.com.br

Contextualização

Espiritualidade é entendida como a busca pessoal para compreensão do sentido da vida (Koenig, 2012). Já a mediunidade (faculdade admitida por determinados grupos de pessoas espiritualistas) pode ser definida como uma experiência em que o indivíduo, denominado *médium*, assegura estar em comunicação com uma pessoa falecida (Webster, 1986). Entre as variadas formas de manifestação mediúnic, insere-se a prática das psicografias, definidas como mensagens originárias do intercâmbio entre médiuns e espíritos, habitualmente emitidas em ambientes que seguem o referencial da Doutrina Espírita.

A primeira manifestação mediúnic foi codificada por Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (Lyon, 3 de outubro de 1804 - Paris, 31 de março de 1869). Educador, autor e tradutor que se notabilizou como o codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec é um dos pioneiros na pesquisa científica sobre mediunidade (Maior, 2013). Esta se despargiu através do maior ícone deste seguimento no cenário brasileiro, Francisco Cândido Xavier (Pedro Leopoldo, 2 de abril de 1910 - Uberaba, 30 de junho de 2002), médium, filantropo e escritor de mais de 400 livros psicografados e cerca de dez mil cartas consoladoras (Menezes, 2006).

A literatura científica tem demonstrado o relevante papel da espiritualidade na saúde física e mental da população e mesmo com a interseção histórica entre estes saberes e práticas, apenas nas últimas décadas pesquisadores têm se atentado para a questão (Koenig, 2012). No entanto, diante da dificuldade de se comprovar cientificamente a mediunidade, o que exigiria inovações que ainda não dispomos, a certificação se dá pelas convicções populares de espiritualidade, regidas por questões que envolvam fé e crença.

Nosso entrevistado¹, o médium Orlando Noronha Carneiro, tem se empenhado em trazer contribuições consideráveis para a área da Saúde Coletiva com foco nos processos mentais. Em nível epistemológico, vem envidando esforços em romper com (prê)conceitos ligados ao paradigma biomédico, não excludente, porém reforçado pelas práticas sociais. Há 35 anos tem desenvolvido o trabalho de psicografia das “Cartas Familiares”, reunindo periodicamente centenas de pessoas nas sessões que promove em várias localidades do país, se tornando conhecido nacional e internacionalmente.

O arremate pode ser percebido nos vídeos que são disponibilizados em diversas mídias sociais de acesso público e irrestrito, somando milhares de seguidores, visualizações, “curtidas”, comentários e depoimentos positivos. Reconhecido pela população enlutada por sua capacidade de comunicação com os fisiologicamente mortos, seu labor tem despertado a atenção de pesquisadores, escritores e documentaristas que investem em investigações e produções que expendem sua práxis. O médium é legitimado pelos destinatários das cartas ao identificarem riquezas de detalhes nas escritas, atribuindo a emissão aos seus entes queridos falecidos.

Nestes termos, esta tarefa parece ser fonte de auxílio para pessoas que buscam na espiritualidade respostas para lidarem de forma atenuante com a dor emocional do luto, interferindo no processo saúde-doença, especialmente nos “gatilhos” que podem desencadear a depressão e suas drásticas consequências, em última instância, o autoextermínio. Estas problemáticas incidem de forma alarmante na população global, o que nos leva a inferir que parece ser de difícil controle. Tendo em vista que a medicina histórica e contemporânea não é o único tipo de mediação entre causas e efeitos dos sofrimentos da alma, a espiritualidade pode se configurar como uma das formas de definição desta complexa rede de significação humana.

Objetivamos com esta entrevista levantar questões que perpassam por múltiplas vertentes que podem ser observadas do ponto de vista histórico, antropológico e fenomenológico de maneira geral. O discurso conduz o propósito de contribuir para compreensão de elementos que favorecem a interseção entre sociedade e cultura, saúde e doença. Os inquéritos foram disponibilizados e respondidos em plataforma *online* e serão apresentados na sequência.

Entrevista

1. Orlando, agradecemos a gentileza e disponibilidade em nos ceder esta entrevista. Esperamos que seja norteadora e reflexiva para a comunidade acadêmica e sociedade em geral. Gostaríamos de iniciar com um breve perfil biográfico e suas memórias pessoais sobre a mediunidade: Como se deu a descoberta deste fenômeno?

Sou natural de Osasco, Estado de São Paulo e nasci em 12/07/1963. Resido da cidade de Wenceslau Braz, Estado do Paraná. Trabalho profissionalmente como Analista de Sistemas e voluntariamente como médium Espírita Cristão. Como escritor, tenho quatro obras psicografadas publicadas, todas com os direitos autorais destinados a instituições de caráter assistencial, cedidos em cartórios. Além de me empenhar nas atividades de psicografia, sou estudioso do espiritismo e palestrante sobre temas que enfocam, dentre outras tônicas, a visão doutrinária do Transtorno do Luto e na Prevenção do Suicídio.

Quanto ao início da mediunidade, ocorreu desde tenra idade, quando aos 4 anos eu presenciava os espíritos, reportando a questão aos meus pais, que já eram espíritas. Para mim representou e representa um processo natural. O encontro com a espiritualidade se deu de forma espontânea, sem qualquer pressão familiar. Aos 17 anos as manifestações romperam de forma ostensiva e objetiva o que me conduziu à busca efetiva e aprofundada pela Doutrina Espírita através dos recursos para uma educação mediúnica nas bases de Jesus e Allan Kardec. Inicialmente as tarefas mediúnicas dirigiram-se para as atividades de cura (atendimento à saúde) e posteriormente se enveredaram para a psicografia. Busco cumprir a tarefa seguindo as orientações e o exemplo do modelo ímpar que foi e é Francisco Cândido Xavier, nosso conhecido Chico Xavier, a quem costumo de chamar: Chico Amor Xavier.

2. Quais são os tipos de mediunidade que é detentor e quem são os espíritos comunicantes?

A psicografia é a faculdade mediúnica mais evidente. No entanto, para que a mesma se desenvolva, a audiência e a vidência cooperam para o fenômeno. Não obstante, estas duas últimas estão presentes independente da vinculação com a psicografia. Nesses temos, soma-se ao conjunto de atribuições a mediunidade de cura, também denominada como “tratamento espiritual” e a psicofonia.

Quanto ao contato espiritual, este ocorre com o benfeitor (ou mentor) Nathanael que baliza de forma geral toda a tarefa mediúnica, tendo o espírito Abelha – André Bráulio dos Santos – como auxiliar. Rodolpho, que é um espírito com o qual tenho contato cotidianamente, foi um dentista e capitão do exército que levou o espiritismo para Osasco, minha terra natal, tendo sido amigo de Chico Xavier. Também nas lides mediúnicas há intercâmbio: com a poetisa

Brandina de Jesus; com Francis Humeled, que desenvolve tarefas de desobsessão; Cyberius, membro da comunidade Fraternidade dos Nazarenos (esfera de elevada hierarquia no mundo espiritual); Irmã Clara (integrante da Fraternidade dos Franciscanos); e Simeão, que se comunicou apenas uma vez.

No cenário popular, as personalidades mais conhecidas pelas quais já psicografei são: André Luiz, Auta de Souza, Basílio Peralva, Caribé, Cornélio Pires, Frei Damião, Irmã Dulce, Irmão Horta, Meimei, Scheilla, Peixotinho e Virgílio de Paula. Para além, estou em contato permanente com espíritos diversos de familiares que buscam consolo por meio das cartas psicografadas.

3. O que o motivou para o direcionamento ou escolha da tarefa de psicografia das Cartas Familiares?

Ainda nas atividades de cura (tratamento espiritual), em um dos encontros com Chico Xavier em Uberaba, ao qual visitava periodicamente desde 1980, o ilustre médium me informou que Emmanuel, seu benfeitor espiritual, estava lhe informando que a minha tarefa iria seguir novos rumos e com benevolência me disse para aguardar o momento do entendimento de qual seria esta.

Posteriormente, em uma reunião mediúnica rotineira, espontaneamente, ocorreu a mensagem de um filho para os pais presentes, com detalhes somente de conhecimento destes que asseveraram a autenticidade da mesma. Sem que falasse algo, em um reencontro com Chico Xavier, recebi um sorriso acompanhado da expressão: Entendeu?! Assim, fui orientado por ele a cada visita em como proceder e os cuidados necessários para o trabalho psicográfico de consolo.

4. Estatisticamente, qual a estimativa de psicografias entregues aos familiares enlutados, mensagens instrucionais e/ou outros tipos de comunicação, desde o início da tarefa até o momento?

A média de psicografia é de 7 mensagens por sessão mediúnica pública. Considerando o início das atividades em 1986, podemos chegar à estimativa de aproximadamente 3.000 cartas psicografadas. Mensagens de cunho geral doutrinário não saberei informar, pois são inúmeras.

5. Como é desenvolvido o trabalho mediúnico de psicografia das Cartas Familiares e a logística do mesmo?

Tenho em minha esposa, Letícia Ferraro, a companheira especial que me sustenta na tarefa, além de todos os trabalhadores que estão pelo Brasil, bem orientados para auxiliar com método insuperável do amor. A reunião da psicografia não visa o fenômeno em si, mas tem como escopo primordial atender as necessidades do espírito eterno. Por isso, temos um “Manual Orientativo” sobre como devem ser procedidas as várias fases da psicografia, desprovidos da pretensão de produzir fenômeno colocando a mediunidade no palco do exibicionismo.

As reuniões ocorrem em Casas Espíritas de comprovada idoneidade moral e doutrinária, sempre com aprovação do benfeitor Nathanael. Jamais ocorreram em ginásios, escolas, restaurantes ou outros locais. As pessoas são atendidas sem qualquer questionamento relativo à religião que professe e mormente, sem cobrar qualquer valor financeiro. Todos os gastos relativos às passagens, hotéis, condução e alimentação são custeados pelas instituições que nos convidam.

As agendas são elaboradas conforme ajustamento com os compromissos profissionais e familiares, atendidas por ordem de data de convite, obedecendo ao critério do ambiente ter real compromisso com Jesus e Allan Kardec. A prioridade profissional é uma premissa para nossa manutenção natural neste plano, e até certo ponto sacrificamos a convivência familiar para atender as solicitações doutrinárias. É um desafio suprir todas as necessidades.

6. A tarefa mediúnica de emissão das Cartas Familiares tem sido crescente. Como o senhor interpreta esta intensificação da visibilidade, adesão e popularização do trabalho?

Entendo como natural na medida em que as atividades são divulgadas, assentadas na ética, na veracidade e expressando segurança. Interiormente o crescimento do trabalho não me afeta, não estimula a vaidade e o orgulho. A tarefa não é minha, mas sim da Espiritualidade em nome de Jesus. Sou um carteiro admitido no exercício que apenas faz a entrega da mensagem que não é minha.

Não desejo fama e popularidade. Prefiro ficar no meu local de atividades, mas sei que isso não é possível, a demanda é enorme. Então, compreendo e busco abrir espaços para os que nos procuram, desde que tenham propósitos elevados, sérios e que não visem fazer propaganda de minha pessoa, mas sim que tenham o propósito de divulgação da Doutrina Espírita.

Temos um compromisso de que editem o que aprovamos, não o que desejam, pois sabemos que, por questão de visão pessoal, podem alterar a pauta. Já fomos alvo de vários trabalhos de televisão, documentários e jornais que conduziram muito bem. Estudiosos também divulgam o trabalho por livros ou vídeos com grande percentual de visualização. Tudo isso não afeta o meu ego, continuo sendo a mesma pessoa, com muitos defeitos a serem corrigidos.

7. Como reage à credibilidade, possíveis descréditos e críticas (positivas ou negativas) ao seu trabalho mediúnico?

Chico Xavier me disse que quando ocorressem críticas que eu as analisasse. Caso entendesse que procediam, que eu me corrigisse. Caso fossem improcedentes, que eu seguisse servindo. O referido médium também me alertou que se caso surgissem muitos elogios, eu tomasse cuidado ficando em alerta, pois a possibilidade de decadência do potencial mediúnico é grande. Assim sendo, onde posso melhorar diante de uma crítica, busco trabalhar a questão, e diante de vastos elogios uso da cordialidade, porém procuro me esquivar.

8. Quais são os critérios para que a pessoa enlutada receba uma mensagem psicografada e o que a motiva a buscar a comunicação de um ente querido falecido?

Em mais de três décadas na lida mediúnica, não sei dizer exatamente quais são os critérios. Tecnicamente, entendo que deva ocorrer sintonia entre médium e comunicante. Moralmente, o motivo do “se” e “como” acontece esta integração foge à minha compreensão. O que sempre digo àqueles que gostariam de receber uma comunicação é que todos merecem a carta, pois são filhos de Deus, mas sabemos que quem planeja as mensagens são os benfeitores espirituais. Eu não tenho qualquer preponderância para que uma mensagem

ocorra. Posso torcer e vibrar por alguém que tenho imenso carinho e nada mais além disso.

Sobre a busca por uma mensagem consoladora, creio que se dá pelo desespero. Enquanto não houver a real construção da fé na imortalidade, o luto sempre terá alternâncias consideráveis. O que percebemos é que a culpa e o remorso são componentes importantes que dificultam essa travessia, independente da sedimentação da fé racional.

Em muitas situações é preciso trabalhar o autoperdão, tarefa que às vezes não se equaciona na presente encarnação. A carta nestes casos alivia, mas não irá resolver uma questão que depende de estado íntimo da pessoa. No perdão, nós temos meios de trabalhar. Por exemplo, saímos de perto da pessoa que nos ofendeu e seguimos vivendo. Já no autoperdão não logramos fugir de nós mesmos. Temos que resolver com a gente.

O fator favorecedor é o envolvimento com compreensão, paciência e coragem, saindo a campo em nome da fraternidade e da caridade. De minhas experiências, os familiares que venceram o luto complicado estão mourejando em favor dos que sofrem, mesmo que de início tenha sido difícil colocar as mãos no arado.

9. O recebimento de uma mensagem psicografada pode ser entendido como um bônus ao enlutado? Se sim, em contraponto, também seria um ônus para alguém também em luto que não a recebe? Como lidar com as duas faces: o possível consolo de quem foi “beneficiado” e do possível desapontamento de quem não obteve o mesmo desfecho?

Quem recebe a comunicação deve entender que houve confluências de possibilidades: o espírito está em condições, o médium logrou captar e os benfeitores autorizaram. Portanto não é um bônus, mas um cenário de possibilidades, para além das que pontualmente desconheço. Aqueles que não recebem, uma ou mais dessas nuances (conhecidas ou ignoradas) não se configurou. É um processo. Por isso, a assertiva de Chico Xavier é perfeita: O telefone toca de lá para cá. Caso toque, atendo, do contrário não haverá mensagem. Jamais iremos “produzir” mensagens, o que seria um engodo.

É necessário desenvolver a resiliência diante da falta do êxito pleiteado. O desapontamento também pode ocorrer por ausência de conhecimento. Inicialmente em nossas reuniões, prevendo esse fator, procuramos esclarecer as pessoas (sob a égide da Doutrina Espírita) que ao final do processo poderão não receber a mensagem. Os que persistem em lamentar, entendo que seja por questões estreitamente íntimas e pessoais, visto que os processos foram orientados.

Deparar com as lâstimas é uma constante. Ouço, esclareço novamente e peço que, se assim desejarem, persistam e aguardem. Incentivo a todos (receptores ou não) que se engajem no serviço do bem, que estudem aprofundando nos ensinamentos da Doutrina Espírita e que não se coloquem na posição de dependentes de mensagens psicografadas para conseguirem seguir em frente.

10. A busca incessante pelo recebimento de uma carta de um ente querido falecido, mesmo após sua ocorrência, já foi evidenciada em muitos enlutados. A continuidade neste investimento pode ser uma estratégia salutar ou degradativa?

A dependência em qualquer situação é prejudicial. O que tenho notado no cuidado com que Nathanael trata o assunto, é uma análise de cada situação. As cartas que surgem mais de uma vez são em casos em que há um potencial imenso de suicídio e até homicídio. No entanto, não são corriqueiros.

Disseram certa feita, que por mim só vem psicografia uma vez. Esta é uma observação simplista e irreal. Ocorrem em nossas tarefas mensagens direcionadas a uma família que anteriormente já tenha recebido, mas sem dúvidas em casos pontuais que venham a ter um sentido instrutivo e consolador. Nosso benfeitor cuida com esmero desta questão.

Não considero salutar pessoas enlutadas se portarem como reféns de psicografias e muito menos ficarem desesperadamente buscando mensagens com variados médiuns. Estes precisam estar bem disciplinados para não caírem em animismo, pois os espíritos têm muito mais o que fazer na vida extrafísica do que virem em todo momento nos transmitir mensagem.

11. Como percebe o trabalho de psicografia de cartas possivelmente consoladoras emitidas por outros médiuns?

Por questão ética não comento sobre o trabalho de outros médiuns. Contudo, tenho ciência do fato de que existem “pseudos-médiuns” se valendo da dor alheia para produzirem embustes, usando as redes sociais para coletarem dados e formatarem “pseudo-cartas”. É um terreno difícil, pois as pessoas que buscam por este alento são movidas pela dor.

Considero que cabe ao Movimento Espírita, aos estudiosos e pesquisadores, separarem o joio do trigo, elucidando dentro do possível, esta questão e alertando a população. Devo me manter no serviço que Jesus me confiou, vibrando para os médiuns sérios que se dedicam a servir com idoneidade.

12. Poderia relatar o(s) caso(s) mais impactante(s) sobre o efeito das Cartas Familiares na saúde emocional de enlutado(s)?

Um jovem estava no cartório, entrou uma pessoa, disparou contra ele vários tiros e houve o desencarne por homicídio. Os pais procuraram as nossas reuniões e veio uma mensagem consoladora. Passado um tempo, surge outra mensagem na qual o filho pede para o pai não fazer o que estava arquitetando. Posteriormente, este confirmou que havia contratado uma pessoa para tirar a vida do autor do crime contra o filho e desistiu do plano.

Outro caso é de uma mãe que estava se entregando à morte. Recebeu várias mensagens e se estabeleceu. Depois nos contou que todo dia levantava pensando em suicídio, mas as cartas foram equilibrando suas inclinações até se desvencilhar destas.

13. O “Transtorno do Luto Complexo Persistente” é considerado um comportamento desadaptativo (APA, 2014). A Carta Familiar pode ser uma alternativa terapêutica que contribua para a qualidade de vida de indivíduos nesta situação?

Perfeitamente. As cartas consoladoras de fato são consoladoras. O luto é um estado de tristeza efêmero nos refolhos da alma que podem engendrar

doenças físicas. Presenciei muitos casos desta natureza. A mensagem de um ente querido produz uma reorganização emocional significativa, que permite a decisão da pessoa de seguir em frente, mesmo com os espinhos da saudade. Quando a alma se organiza emocionalmente o corpo sem dúvida reflete saúde e bem-estar.

Portanto, as cartas produzem este redirecionamento das sensações. Isso gera a sustentabilidade de conviver com estoicismo moral a ausência de uma pessoa querida. Esta apenas foi antes de nós na grande viagem que um dia encetaremos. Se vivemos com dignidade, esperança, amor e coragem por eles, viabilizamos a vereda do reencontro.

Não foram poucos os que me disseram: depois da carta passei a viver de novo, pois sei por fé racional e não por crença, que meu ente querido vive. Outros tantos me confidenciaram: no dia que vim para a reunião eu já tinha estabelecido o programa de suicídio. Com a carta destruí esta ideia e hoje estou aqui te abraçando. Ouvir isso não tem preço.

14. A espiritualidade é um tópico crescente para os pesquisadores da área da saúde (Koenig, 2008). Como médium que lida com elementos intangíveis, recebe e entende as pesquisas científicas direcionadas para a esta integração?

Por mais que tenhamos outrora grandes estudiosos que debruçaram rigorosamente nos fenômenos, atestando a veracidade de natureza espírita, historicamente, o paradigma da ciência acadêmica objetiva não permitiu inserir em suas pesquisas esta vertente subjetiva.

Atualmente, percebo mudanças que se fazem necessárias nas diversas linhas de pesquisas, desdobrando-se em novos olhares que venham entender os fatos ocorridos, no passado e no presente, de ordem espiritual. Thomas Kuhn, no livro “A Estrutura das revoluções científicas”, enfatiza que a ciência não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômenos; na verdade, aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos.

Na realidade, a pergunta poderia ser direcionada às academias que antes de dizerem não (uma vez que o “não”, não é lei, é opinião pessoal), busque adentrar a sonda da pesquisa, sem preconceitos e busquem formular uma conclusão científica embasada em fatos de que o mundo espiritual não existe.

Até o momento não provaram que é fruto do imaginário. Portanto, acredito que existe desinteresse em estudar os fenômenos.

Contudo, avanços são percebidos, visto que a teoria da Física Quântica vem ofertando a lógica de que o mundo subatômico não pode estar sendo gerenciado pelo acaso. Sendo assim, que os bandeirantes da nova ciência que irá ser implementada atuem com ética, respeito, amor à verdade, pesquisando e trazendo ao mundo hodierno as verdades imperecíveis da realidade espiritual. Hoje, as AME'S (Associações Médicas Espíritas - Brasileira / Estadual / Internacional) cooperam para unir ciência e religião no sentido de espiritualidade, não de culto.

Para além, as documentações sobre Experiência de Quase Morte, Terapia de Vidas Passadas e Transcomunicação Instrumental são vastas e se faz preciso continuar as investigações para acordar o homem de seu sonho imediatista.

15. Orlando, reiteramos agradecimentos pela entrevista e gostaríamos que deixasse algumas considerações para os leitores:

Se a imortalidade da alma fosse apenas um sonho de nossas necessidades humanas, ainda assim, seria o mais belo sonho que o homem vivenciaria. Mas, é uma realidade que o mundo de regeneração construirá em novos paradigmas. Agradeço o ensejo de participar desta entrevista.

Referências

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *DSM - 5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014.

KOENIN, Harold. *Concerns about measuring "spirituality" in research*. *Nervous and Mental Disease*, v. 196, n.8, pp. 643-646, 2008.

_____. *ISRN Psychiatry*. New York, p. 1-33, 2012.

KUHN, Thomas Samuel. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MAIOR, Marcel Souto. *Kardec: a biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MENEZES, Bethânia Alves de. *O mito de Chico Xavier: os usos, apropriações e seduções do simbólico em Uberaba/MG*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

WEBSTER, Merriam. *Webster's Comprehensive Dictionary of the English Language*. Naples: Trident Press International, 1996.

¹ Entrevista realizada em 30 de julho de 2018.

Recebida em 06/11/2019, revisada em 19/11/2019, aceita para publicação em 19/12/2019.